**“ESCONDE A BEBIDA PRO SANTO NÃO VER...!”:**

**A Festividade de São Francisco de Assis de Monsarás na ilha do Marajó e sua importância para uma compreensão do lugar. [[1]](#footnote-1)**

Layane Martins Trindade[[2]](#footnote-2)

# Resumo

O presente trabalho é um estudo sobre a Festa de São Francisco de Assis, padroeiro de Monsarás, localidade que faz parte do município de Salvaterra, no arquipélago do Marajó/PA. Tem objetivo de compreender o lugar de sua realização, observando-se a produção de um espaço simbólico dinamizando pelas relações socioespaciais no tempo da festa. A partir da análise das narrativas dos interlocutores locais e dos princípios teóricos da geografia cultural e a antropologia, na qual há uma preocupação constante em interpretar o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como vivencia, pertencimento, familiaridade, buscou-se compreender e interpretar as motivações, anseios, alegrias, frustrações, enfim, o que dinamiza e produz a festa, mas também, dá sentido, elabora valores e mobiliza vínculos afetivos com o lugar, o que sugere sua singularidade socioespacial. Desta forma, o lugar é aqui o eixo de sustentação de um olhar da manifestação cultural, intercalado com as estruturas de significação provenientes das narrativas orais, as quais metodologicamente sustentaram esta pesquisa. Assim, identificou-se um saber-fazer representativo da condição sociocultural e ambiental que em Monsarás se especializa em teias de significados e relações de reciprocidades as quais delimitam experiências e produzem simbolicamente o lugar o qual aqui é observado à partir da festa.

**Palavras-chave**: Monsarás, Festa, Lugar, Narrativas, Afeto.

**Introdução**

É mês de agosto, começam a surgir os preparativos para festividade. As últimas reuniões da diretoria da festa, são realizadas para definir os ajustes finais, e logo no começo de agosto é realizada a primeira “esmolação[[3]](#footnote-3)”, que em sua realização é feita na vila como o primeiro grito de festejo do Santo trazendo a cantada e tocada. A partir do ato de “esmolar” os foliões da vila de Monsarás se dirigem a cada casa pedindo donativos para o Santo como: dinheiro, alimentos não perecíveis, búfalos, etc..., além de andarem por outras localidades adjacentes durante todo o final de semana, e assim começa a festividade de São Francisco de Assis) .

Na medida em que os dias vão passando se aproxima o dia do festejo principal, que é 4 de outubro e a sensação de ansiedade dos organizadores e dos devotos do santo aumentam, com isso, outras sensações são percebidas, como àquelas geradoras de solidariedades entre moradores devotos, pois, a festa do padroeiro está chegando e aguçando os sentimentos que se reforçam principalmente nessa época. A cada localidade visitada pela imagem do santo peregrino em sua esmolação, vai aumentando a intensidade do festejo, os olhares, os cheiros e as lágrimas derramadas por devotos idosos que não podem acompanhar a festa na vila de Monsarás são demonstrações de devoção é fé ao Santo. Eita! Tá chegando a festividade. Com a proximidade da festa principal são realizadas outras atividades para festejo do padroeiro, como as ladainhas realizadas em ocasiões especiais, rezadas todos os anos pelo morador e devoto Silvio Teixeira, segundo o qual, herdou essa prática de sua avó.

“Ixe”! Setembro chegou! O coração já começa pulsar, “levanta o pau do mastro!”, no primeiro momento os homens vão escolher a madeira e depois enfeitar com frutas e folhas de plantas. Quase o sol se pondo, os homens carregam o mastro pela vila de Monsarás, como uma demonstração de força e fé. O mastro é levantado com seus respectivos estandartes: Divino Espirito Santo e São Francisco de Assis. Outubro chegou, nossa! Cada olhar parece ficar mais intenso, é perceptível nos semblantes tão expressivos de cada devoto. O festejo está chegando e a procissão fluvial está quase para começar, “chama a menina que está fazendo trabalho da festa para que veja a procissão fluvial” diz o devoto. É o momento dos pescadores realizarem a romaria fluvial pela baia do Marajó. O sol se põe, a noite surge com céu estrelado, é realizada uma iluminação a luz de velas na transladação do Santo levando para capela do início da vila.

Thá!” [[4]](#footnote-4) a festa principal começou em homenagem ao padroeiro São Francisco de Assis, 4 de outubro, ao amanhecer com o friozinho da madrugada, pessoas enfeitando suas casas e com uma chuva de fogos de artifício, o sino da igreja tocando escutado na vila toda, é a alvorada! Esse seria o chamado para procissão, é uma das festas mais expressivas e significativa para a comunidade.

Em muitas idas e voltas de Belém-Monsarás ou Monsarás-Belém, no inicio desse texto começo descrever o meu trajeto, Belém-Monsarás, pois bem, venho acompanhando os processos da festa arduamente deste 2015 até esse presente texto, que esta sendo produzido em 2018. O primeiro ano da pesquisa as pessoas estranharam a minha presença como pesquisadora, apesar de ter familiares do lugar, meu contato era quase que nulo com a comunidade em geral, era um lugar passageiro, pois se tornava um ambiente de férias, feriados, sendo assim, devido ao curto períodos não dava tempo de manter vinculo com as pessoas e lugar. Então, no primeiro ano, fiquei como observadora tentando conectar aqueles conceitos acadêmicos, no que estava vivendo e fazendo o exercício de estranhamento, me interessei em observar cada olhar, cada choro e cada gesto e prestar atenção nos detalhes das expressões corporais dos devotos. Ao decorre com tempo, a minha parecença ser tornou quase que diária, as barreiras foram sendo derrubados, os laços foram estabelecidos, as pessoas me convidam para suas casas chegando lá, oferecem um “cafezinho”, não preciso perguntar sobre a festividade, a conversar vai se desenvolvendo e vou adentrando sua complexidade cultural. Vou (re)descobrindo as dores, alegrias, os desejos, os sentidos, e o tempo se perde naquelas narrativas.

Desta forma, O interesse dessa temática se deve pela identificação pessoal e de meus familiares que são de origem marajoara, uma porção do espaço geográfico paraense dotado de significados particulares e relações humanas peculiares. Contudo, é na festividade de São Francisco de Assis que encontrei uma diversidade de fatores que dialogam com a produção de uma identidade local devido, entre outras coisas, à relação entre festa e lugar percebida enquanto mediação da relação homem meio (natural-simbólico) que, em suas nuanças, elaboram tessituras afetivas que notabilizam o vínculo com o lugar a partir da vivência e da experiência dos habitantes de Monsarás. Tal interpretação me levou a investigar a referida vila em seu aspecto cultural, religioso, além de possibilidade de poder contribuir com uma outra perspectiva da festa em seu contexto de produção espacial. A festividade evidencia um aspecto da cultural local, é elaboradora de lembranças, símbolos, significados e sentimentos em relação ao lugar de sua realização. A falta de registros em forma de textos, documentação e divulgação da Festividade de Monsarás que poderia orientar-me nos estudos para relacionar a cultura local com o contexto lugar, nesse sentido pretendo busca aprofundar a investigação sobre o tema da identificação cultural com o lugar, proporcionando assim, a criação de um acervo de leitura nesta perspectiva sobre a Vila de Monsarás. Em outra frente, busca das histórias orais da festividade pelos interlocutores locais que constituem importantes fontes de informação na vila.

No contexto da importância das festas populares de santo na ilha do Marajó, este trabalho pretende abordar a festividade católica de São Francisco de Assis da Vila de Monsarás, com o objetivo de compreender o lugar de sua realização, observando-se a produção de um espaço simbólico dinamizando pelas relações socioespaciais no tempo da festa. Portanto, o trabalho tem como proposta abordar a festividade do padroeiro de Monsarás em sua configuração socioespacial e enquanto produtora de sentidos de referência que envolvem percepções, vivências e experiências em relação aos saberes-fazeres da/na festa.

## PEREGRINAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A pesquisa pretende abordar sobre a Festividade de São Francisco de Assis em Monsarás observando o *lugar* no que concerne à sua apropriação conceitual elaborada pela abordagem cultural que ficou conhecida como geografia cultural, bem como pelas propostas desenvolvidas pela antropologia em torno do referido conceito. Portanto, o presente trabalho pretende discutir as relações socioculturais criadas em tempo de festividade em celebrações à São Francisco de Assis na Vila de Monsarás, no Município de Salvaterra-Pa, este, pertencente à Mesorregião Marajó. Essas relações perpassam aspectos sociais, econômicos, culturais, históricos, religiosos, o que acaba por tornar o lugar único, dono de uma identidade própria, contribuindo para que os seus moradores tenham um jeito próprio de se relacionar com o mundo, sem deixar de considerar o que nos ensina Santos (2012), sobre a relação do sujeito com o seu lugar, pois que, é dinâmica e apesar de ter uma escala local, interage com contextos mais amplos, daquele efetivamente vivido por cada um.

Também busco esta compreensão no contexto da geografia humanista, na qual há uma preocupação constante em interpretar o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como vivência e experiência dos homens. De acordo com Tuan (apud HOLZER, 1999), espaço e lugar definem a natureza da geografia. Mas o lugar tem uma importância ímpar para a geografia humanista, pois, se para as técnicas de análise espacial o lugar se comporta como um nó funcional, para o humanista ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um, a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal de espaço, como estruturação do espaço mítico-conceitual. Esta última condição nos permite uma compreensão da Festividade de São Francisco de Assis, e coloca em contexto a elaboração ritualística em escala local e enquanto experiência e subjetividade, onde as práticas culturais vividas por grupos de pessoas que compõe a comunidade de Monsarás se mesclam formando uma paisagem cultural do passado, do presente e do futuro, como se observou nos processos de repasse de saberes identificados em cada contexto da festa.

Conforme salienta Holzer (1999), no estudo da geografia clássica, a categoria “lugar” era vinculada a noção locacional. No entanto, a ideia foi se transformando através de discussões e debates em relação à maneira pela qual muitos dos fenômenos humanos ficavam ausentes de uma abordagem mais qualitativa do espaço social. Carl Sauer foi um dos primeiros a dar sua contribuição para valorização desta categoria, incorporando a subjetividade. O entendimento do autor é que a paisagem cultural é quem define o estudo da geografia. É o sentido do lugar que estaria ligado com significação da paisagem. Nesse entendimento, o sentido locacional foi perdendo espaço, sendo vinculado ao um significado específico, ou seja, características únicas de um dado espaço, e que pode ser transmitido pelas sensações únicas, desse modo, o estudo do lugar demonstra a subjetividade, experiências e aprendizados. Rodrigues (2015) fala que autores como Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer contribuíram com a criação de novas perspectivas em torno da ideia de lugar, passando este, a associar-se à corrente filosófica da fenomenologia a qual trata os fatos como únicos, partindo da compreensão do ser sobre a realidade e não da realidade em si, esta tida como inatingível.

Por isso, o lugar passa a ser associado às noções de significação, de afeto e percepção que estão entrelaçado em um sistema de tradição. Quando percebemos um contexto histórico enraizado nas tradições de um grupo social, o costume fortalece as relações sociais nas festividades religiosas, no nosso caso, como as que ocorrem todo dia 04 de outubro, dia oficial da procissão de São Francisco de Assis. Assim, uma rua onde passei a infância pode ser chamada de lugar, ou a região onde moro, ou até mesmo a minha casa e a fazenda onde gosto de passar os finais de semana. Tudo isso, de acordo com a perspectiva humanista da Geografia, é um lugar e apresenta-se como um fenômeno concernente à dinâmica do espaço vivido. O lugar da festividade contém muitos significados permanentemente colocados pelos homens às coisas, entre eles a devoção à imagem do santo. Podemos mencionar o respeito às tradições adquiridas ao longo do tempo, confirmadas e vivenciadas por todos que ali vivem, não restringindo somente aos devotos, mas sim a toda aquela comunidade que se envolve no processo da festividade desde o início do cortejo, que começa diretamente desde o dia 8 de agosto, ou seja, um processo longo que prepara o lugar com envolvimento dos promotores e devotos para que mais um ano de festividade possa acontecer, portanto, encontramos a aplicabilidade do sentido de lugar no contexto de objeto de estudo. Sendo assim, observamos a festa de Monsarás em seu contexto das relações sociais nela intensificadas ou criadas.

Através das festas, de sua fabricação incessante durante todo o ano, colocando operação em redes de relações de paretesco, amizade, vizinhança, os sujeitos se constroem a si mesmos como habitantes de um espaaço próprio -um lugar- onde vivem sua vida, onde reproduzem suas práticas cotidianas e garantem, através dessas práticas de uso e apropriação desse lugar (RODRIGUES , 2006, p.14)

Desta forma, como procedimento metodológico, nos períodos de festividade procuro fixar-me durante todas as etapas do festejo, observando e experiências ligadas na relação dos moradores com o período mencionado. Com o uso de uma câmera fotográfica, um gravador, um computador portátil, além de vasculhar documentos, artigos científicos e livros, pretendo mergulhar em experiências empíricas por meio de vivências com agentes sociais envoltos nos fazeres do festejo, assim como, por entre conversas informais (mas também em alguns casos formais direcionadas por entrevistas semi-estruturadas) com moradores locais, no intuito de me aproximar de uma compreensão da densidade da produção daquele lugar à partir de suas narrativas sobre e à partir daquele momento festivo. As entrevistas serão formuladas de forma a relatar dados históricos e vivências da/na festa daquilo que se narra e daquilo que se vive junto aos moradores mais antigos, com os organizadores da festividade, além de procedimento de coleta em instituições locais como a escola e a Igreja Católica de Salvaterra.

Para as entrevistas utilizarei como critério a não priorização de estruturas fechadas, pois, a flexibilidade das perguntas proporciona maior desempenho dos entrevistados na busca de significados, ou seja, permite ao entrevistado responder dentro da sua própria estrutura de referência (MAY, 2004). Sendo assim, há uma maior possibilidade de compreensão e entendimento da Festividade de São Francisco nas histórias pessoais, tentando-se sempre uma aproximação com a dimensão viva do lugar, mas também novas perspectivas acionadas pelos agentes culturais em relação às diferentes temporalidades e espacialidades da produção de um cotidiano celebrativo que nos permita ultrapassar uma visão utilitarista, ou mesmo do que está posto pelo imediatismo da experiência, e, assim, permita uma apropriação do sentido de lugar, em outras palavras, Monsarás na perspectiva da experiência do espaço vivido (TUAN, HOLZER, MASSEY, SANTOS, DARDEL). Assim, consideramos a profundidade da importância do olhar no olho do entrevistado e sua dimensão de/da vida conforme nos orienta Portelli (1997) quando diz que ao capturar a história oral e transcrevermos transformamos objetos auditivos em visuais.

Nesta proposta de pesquisa, busco à luz da etnografia partir das três etapas de compreensão da realidade ensinada por Roberto Cardoso de Oliveira: olhar, ouvir e o escrever. À partir deste procedimento, a cada visita na comunidade tento registrar aquilo que vejo, ouço e percebo. Para Oliveira (1996) estes três atos estão sintonizados na etnografia. Nesse sentido, a etnografia é de extrema importância para este trabalho, o qual, procura observar e descrever detalhadamente o que está nos intertícios e nos entornos do fenômeno estudado. Portanto, o pesquisador precisa ficar atento em suas observações, refinar o ouvido, ter sensibilidade emocional, se aproximar das vidas de diferentes pessoas, tentando perceber sentidos e experiências comuns e singulares. Assim, a “etnografia não se aprende de ouvido, se aprende fazendo. É um saber artesanal de saber estar, ouvir, olhar e escrever, como também de sintetizar, comparar e, sobretudo, saber contextualizar” (FONSECA, 2017, p. 29). Nesse sentido, conforme o autor Geertz (2008) podemos gerar uma etnografia com base em uma descrição densa, com isso podemos compreender e elaborar uma leitura da leitura que os interlocutores locais fazem da própria cultura. Como o autor no livro A interpretação das culturas propõe o que seja uma boa etnografia: a capacidade de distinguir um piscar de olhos de uma piscadela marota. Isso ele chama (com Ryle) de “descrição densa”. A etnografia é o método utilizado pela antropologia. Sendo, assim a parte fundamental da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram.

Matos, Senna (2011), na pesquisa de campo, durante as entrevistas, podemos ter impressões, vivencias, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória, dessa forma ajuda a ter o conhecimento vivido muito mais rico, os sentidos dos objetos e lugares. Neste sentido, “seguir as demarcações de tempo apresentadas pelos meus entrevistados, ajuda a perceber novas maneiras de marcar as temporalidades vividas e os significados que cada evento ou ação relembrada ganha na evolução das atividades experimentadas” (PACHECO, 2006, p. 176). Siqueira (2015) fala que as narrativas passadas nas falas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. Entendo assim que, fazendo o uso de entrevistas na pesquisa de campo auxilia para uma compreensão sobre a experiência vivida na festividade do Santo padroeiro da vila de Monsarás. Pondera-se que, em razão se ser também meu lugar de experiência afetiva, pois nasci e vivi parte da minha vida nele, percebo as dificuldades de estranhamento do fenomeno sociocultural estudado. No entanto, saliento que este empreendimento pode ser também enriquecedor na medida em que se pode constatar que há uma relação interna entre a manifestação cultural e vida cotidiana de quem pesquisa. Assim, observando e participando[[5]](#footnote-5), ressalto um procedimento bastante usual entre os antropólogos: “a observação participante é uma das técnicas do método da etnografia[[6]](#footnote-6), em que se captam as significações e as experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social” (MONÇALE; MOREIRA, 2013, p. 1). O investigador tendo a vivencia na comunidade gera o entendimento dos contextos do cotidiano. Portanto, “o objetivo prioritário do pesquisador não é ser considerado um igual, mas ser aceito na convivência” (NETO, 1994, p. 27). Os autores Rocha e Eckert (2008) retratam que a introdução no ambiente social do lugar que a pesquisa acontece é de extrema importância para o desenvolvimento do tema em relação à vivência do lugar compartilhando as experiências ao se aproximar cada vez mais dos indivíduos que constituem a comunidade estudada. Esse contato pode proporcionar uma comunicação bem próxima tendo a compreensão das expressões, gírias, sotaques também com a aprendizagem de gestos e das etiquetas típicas do espaço estudado mostrando suas orientações simbólicas, e assim, tendo a compreensão das falas e do cotidiano dos interlocutores locais. Os relatos das vivências apresentadas nas entrevistas são fundamentados através de documentos “de um aporte teórico-metodológico que, a partir de um referencial simbólico induz a uma compreensão das formas representativas das manifestações culturais em um dado espaço” (CHAGAS JUNIOR, 2008, p. 19).

# NO BASTIDORES DA FESTA: TEMPO E ESPAÇO NO FESTEJO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O acontecimento da festa do padroeiro é um momento considerado importantíssimo na vida da comunidade. O dia do Santo é 4 de outubro e a preparação começa meses antes na vila de Monsarás. Dia 9 de agosto acontece a primeira “esmolação” que consiste na captação de doações voluntárias entre os devotos para realização da festividade. A imagem do santo sai em peregrinação, atrai os fiéis que saem fazendo a folia com cantadas realizadas por uma voz e acompanhado com alguns instrumentos (viola, triangulo, tambor, pandeiro). A peregrinação é realizada na vila de Monsarás e comunidades próximas que geralmente o santo peregrina como: Condeixa, passagem grande, Maruacá, Foz do Rio, Cachoeira do Arari, Chácara, Ceará, Pingo d’agua, localizadas no arquipélago do Marajó fazendo um circuito religioso. Esses trajetos de peregrinação são realizados de canoa ou ônibus. Como podemos retrata na foto 2 é a primeira “esmolação”, foi realizada em Monsarás dando início a esmolação**.**

**Imagem 1** A primeira esmolação, que ocorreu na vila de Monsarás, dia 9 de outubro.

****

Fonte: Layane M. Trindade

As fotografias 2, é o momento da primeira esmolação que é realizada em Monsarás onde passa por todas as casas que aceitarem o santo, também é realizada a esmolação em outras localidades, é feito um envio de uma carta anunciando a peregrinação, sendo assim, uma família se dispõe a receber os esmoleiros com a imagem peregrina do santo. Ao chegar à casa de um promesseiro em outras localidades, o peregrino esmoleiro é recebido em uma casa com honras e fogos de artifícios e devotos ansiosos para ver o santo, normalmente a imagem é colocada em um altar ou mesa em um lugar que fique previamente em destaque.

Em 21 de setembro, sempre na mesma data, ocorre o levantamento do mastro, é uma cerimônia em que levanta troco de árvore com seu estandarte, e pode ser considerada uma manifestação da cultura popular que demarca o tempo inicial do festejo religioso, este cerimonial é rico de significados. O acontecimento do ritual do levantamento do mastro, intensifica o vínculos entre as pessoas e o sentimento de pertencimento ao lugar, formando espaços de socialização e de construção da identidade. Em Monsarás, o mastro é resguardado pelos juízes, que deve ter como funções, a de ir buscar o troco no mato uma semana antes, quando é realizada essa busca, os homens levam bebida é um momento de descontração. O juiz do mastro é responsável de enfeitar o troco de árvore com folhas e frutas também fazer os respectivos estandartes, que são dois: a do Divino Espirito Santo e São Francisco de Assis, e cada mastro têm o seu devido juiz.

No ano de 2015 a 2016 durante o ritual do levantamento do mastro, esta pesquisadora esteve presente. Foi observado, que somente homens podem carregá-lo e tocá-lo, entretanto, a cultura não pode ser considerada como um receptáculo “imóvel”, pelo contrário, como dinâmico em constante transformação, desta forma, As mudanças acontecem no ano de 2017, a uma presença muito forte de mulheres que ocasionou que o mastro de São Francisco seja carregado por mulheres, isso não se caracteriza uma perda de identidade e sim uma transformação no cenário do festejo.

É dia 21, o sol está se pondo, o Santo está na casa da pessoa que se propôs a levantar o mastro de são Francisco de Assis, enquanto o mastro não sai, a dona da casa recepciona os foliões distribuindo lanche. Assim que acaba a recepção, o mastro sai com sua respectiva bandeira ao encontro da casa que o dono se propôs a levantar o mastro do Divino Espírito Santo. E nesse encontro há uma parada novamente. É distribuído mingau para seus participantes e quando acaba, começa uma novena de despedida da casa. Na saída da casa do último promesseiro, a uma disputa entre homens e mulheres, essa brincadeira consiste em conseguir carrega o troco primeiro, sai na frente da pequena procissão. No dia 21 de setembro de 2017, com gritos eufóricos as mulheres vencem a pequena brincadeira e saem na frente e logo atrás e seguido pelo mastro dos homens, nessa procissão é seguida pelo violeiro até o local do levantamento do mastro. Depois, quando a imagem do Santo não está presente, há uma comemoração cercada de bebida, em momento de confraternização dos participantes.

A partir do levantamento dos mastros, acontecem às ladainhas feitas em latim com modificações e adaptações do português. A ladainha é realizada somente por um morador de 53 anos, Silvio Teixeira. A reza é cantada e conduzida por um homem e respondida pelas mulheres. No dia 3 de outubro, ocorre à procissão fluvial para busca a imagem do santo que esta na Foz do Rio em sua última esmolação. O roteiro dos pescadores a saída acontece do igarapé ou diretamente da praia de Monsarás, a caminho da Foz do Rio, durante a trajetória acontece a folia, com músicas religiosas ao toque dos instrumentos. O horário para volta dos barcos para Monsarás acompanha o ritmo da maré, que deve estar cheia, para que seja possível a travessia. E assim, que a imagem do santo é embarcada, esse momento é importante, marca o fim da esmolação. Os moradores da Foz do Rio fazem as últimas homenagens, depois seguem em retorno para vila, esse ato é organizado pelos pescadores devotos do Santo.

A saída da imagem do santo pela baia do Marajó está quase para começar, os devotos se organizam em suas embarcações gerando um momento de descontração dos participantes desse cortejo que envolve bebida colocada em um recipiente diferente do frasco normal, pois, o Santo não pode saber que estão bebendo. Quando o santo estiver chegando perto, ouve-se um grito: “esconde a bebida, o santo não pode ver” com isso, é escondido debaixo das pernas dos participantes da procissão fluvial e nesse momento a uma troca intensa de olhares e risos envergonhados

No momento que o santo entra na embarcação ninguém bebe no barco que carrega a imagem do santo. As outras embarcações tomam um pouco de distância, e os participantes continuam a beber, e fazem umas brincadeiras durante o trajeto da procissão fluvial. No entanto, o barco que leva o santo ninguém brinca, e sempre com um olhar sério e fazendo a tocada. A travessia de retorno dura aproximadamente 30 minutos, o breve trajeto é celebrado com fogos de artifícios na baia do Marajó. Apesar da simplicidade das canoas, é mostrado na fala dos interlocutores locais que o ritual é um ato acolhedor emocionante, há demonstrações de alegria.

**Imagem 2:** Procissão fluvial (A embarcação do santo)

****

Fonte: Layane M. Trindade

Na chegada da imagem na vila, afirma-se essa demonstração de respeito, emoção e alegria observada na recepção do Santo padroeiro. Na chegada no igarapé de Monsarás, fiéis devotos do santo esperando ansiosamente, emocionados demostraram (fé) pendido benção, num olhar emocionado cheio de lágrimas, devoção e gratidão que a maioria dos meus entrevistados descrevem esse sentimento na chegada do padroeiro. O santo é retirado do barco e carregado nas costa pelos pescadores em um andor de madeira que pode pesar a cerca de 40 quilos, a uma necessidade de carregar o andor e de tocar na imagem do santo para o agradecimento pelas graças alcançadas ou para alcança o seu pedido ainda não atendido pelo santo padroeiro. Há uma pequena procissão dos pescadores em Terra, que seguem até a igreja.

O festejo está quase acabando, a noite do dia 3 de outubro começa aparecer, ocorre a transladação com procissão de velas levando a imagem do santo a capela do início da vila. O dia 4 de outubro, ato final é a procissão principal, esta é cercada de mistérios e mitos como a de que o Santo sai de madrugada antes do festejo principal, anda pela praia que fica na frente da igreja, e a primeira pessoa que entrar na igreja e pegar no pé da imagem do Santo sente quente a palma do seu pé, pois, segundo relatos, isso mostra que o Santo estava andando pela praia.

O momento principal da culminância do festejo, às 8 horas da manhã, é realizada uma celebração na capela que fica no começa da vila e depois segue até a igreja principal do lugar. Às 8h30 minutos acontece a saída da procissão, marco principal de toda festividade, pois, é nela que os devotos manifestam sua maior devoção em uma manifestação na religiosidade e crença pedindo a intersecção do santo. A procissão congrega toda a comunidade devota de São Francisco de Assis e leva frente cinco devotos carregando 3 estandartes com cores vermelho, azul, rosa, nos qual consta Jesus, São Francisco de Assis e Nossa Senhora de Nazaré e também 2 bandeiras, uma do Brasil e outra do Pará. Em seguida, o carro dos anjos e uma corda atracada a berlinda do santo empurrado pelos seus fiéis e auxiliada pelos guardas da Igreja e ao final é composta por músicos de banda de fanfara que é denominado por alguns populares de “forofonfon” , e os devotos vestem sua melhor roupa para acompanhar a procissão.

CONSIDERAÇOES FINAIS

“O lugar é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos. [...] Lugar é um centro de significados construído pela experiência” (TUAN apud LEITE, 1998, p. 10). Nessa perspectiva desse trabalho, podemos compreender o apego ao lugar, pois, impulsiona a comunidade, o sentimento de pertencimento é evidente no lugar e essa afetividade abrange o santo padroeiro São Franciscco de Assis, alimentando o imaginário simbólico em tempo do festejo na comunidade de Monsrás .

**Referências bibliográficas**

CHAGAS JUNIOR, Edgar Monteiro. **Produção simbólica dos lugares: folguedos populares de boi-bumbá do Marajó – espaço e cultura na região do Arari**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2008.

Fonseca, Claudia, Brites, Jurema, . Motta, Flávia de Mattos. **Etnografia, o espírito da antropologia : tecendo linhagens homenagem a Claudia Fonseca**, – Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2017.

Geertz, Clifford. **A interpretação das culturas.** l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

HOLZER, Werther**. O lugar na geografia humanista, In: Revista Território.** LAGET, UFRJ, ano IV, nº 7, jul/dez. Rio de Janeiro, 1999.

Izabel Rodrigues, Carmem; Salete Barbosa Cavalcanti, Josefa. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LEITE, Adriana Filgueira. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. In: Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Rio de Janeiro: 1998, volume 21, p. 9-20.

LIMA, Jeyson Ferreira Silva de. **Praças publicas caicoenses: territorialidades, sociabilidades e identidades**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciencias Humanas, Letras e Artes. Programa em pós-graduação em Geografia, Natal, 2013.

Matos, J.S., & Senna, A.K. (2011**). História oral como fonte: problemas e métodos**. Historiæ, 2(1), 95-108.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MONÇALE, Andressa Mirelli; MOREIRA, Benedito Dielcio. **Fotografia, Etnografia e Festa: Um Olhar Sobre a Festa de Santo na Comunidade São Gonçalo Beira Rio** – Cuiabá/MT, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Rio Verde – GO, 2013.

NETO, O. C. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir , Escrever**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA , SÃO P AULO, USP, 1996 , v. 39 nº 1.

PACHECO, Agenor.S. À margem dos "MARAJÓS": **cotidiano, memórias e imagens da"Cidade-floresta"-Melgaço-PA**. Belem: Paka-Tatu, 2006.

PORTELLI, Alessandro et al. **O que faz a história oral diferente**. Projeto história, v. 14, p. 25-39, 1997.

REIS, Breno Maciel Souza**. Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare**. Comnteporanea, N.21 | Ano 11 | Vol.1 | 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; Eckert, Cornelia. **ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS,** Revista Iluminuras, V.9, N. 21, 2008.

RODRIGUES, KELLY. **O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo**. XI-ENANPEGE, 2015.

SANTOS, Laudenides. P**. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar**, Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012.

SIQUEIRA, Elisângela. **Comunidade rural da linha turvo: histórias de vidas, histórias de resistências.** Monografia apresentada ao Curso de História, do Departamento de Humanidades e Educação (DHE), da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), 2015.

1. Trabalho apresentado no GT 4 (**A PRODUÇÃO CIENTIFICA ACADÊMICA E O USO DE FONTES ORAIS: ORALIDADES E MEMÓRIAS NA PAN-AMAZÔNIA**) do III Siscultura. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduada em Geografia, layane95trindade@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Esse ritual do festejo que se intitula como “esmolação” é uma doação voluntaria com intuito de arrecadar recursos e donativos para os dias de festa. [↑](#footnote-ref-3)
4. “Thá” Expressão usada em Monsarás, é mesmo sentido da expressão “Égua”, pode ser usada como admiração, alegria, insatisfação, raiva, espanto, tristeza. [↑](#footnote-ref-4)
5. O(a) pesquisador(a)-observador(a), em sua atitude de estar presente com regularidade, passa a participar das rotinas do grupo social estudado e sua técnica consiste então na observação participante (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 3) [↑](#footnote-ref-5)
6. A etnografia é o método utilizado pela antropologia na recolha de dados, que consiste no estudo de um objeto por vivência direta da realidade onde este se insere. As ações humanas ou fenômenos são carregados de significados sociais que não podem ser compreendidos fora de seu contexto cultural (MONÇALE; MOREIRA, 2013, p.1) [↑](#footnote-ref-6)